

Arte da capa:

26.12
2023 | *من رانا*

Dany Al-Behy Kanaan: Poesias selecionadas



Ano 5 · Edição Especial
org.: Ailton Siqueira de Sousa Fonseca

Acesse em:  geplat.com/versos

**20
24**



Dany Al-Behy Kanaan:
Poesias seleccionadas

Direção: Geplat Edições
Direção de arte e Capa: Wilton D’Lúcio
Diagramação: Wilton D’Lúcio
Revisão: Ailton Siqueira de Sousa Fonseca

Equipe Editorial: Jean Henrique Costa
Raoni Borges Barbosa
Jeanemeire Eufrásio da Silva
Lázaro Fabrício de França Souza
Francisco Wilton da Silva Júnior
Stamberg José da Silva Júnior
Paulo Sérgio Raposo da Silva
Elane da Silva Barbosa
Dr. Thadeu de Sousa Brandão (in memoriam)

Dany Al-Behy Kanaan: poesias selecionadas / Ailton Siqueira de Sousa Fonseca (org.);
– Ano 5, Edição Especial – **Revista Versos, Anversos e Antiversos**. Mossoró: GEPLAT
Edições, 2024.

82 p.

ISSN: 2675-4975 (Caderno Virtual)
Endereço eletrônico: www.geplat.com/versos

1. Poesia. 2. Artes. I. Fonseca, Ailton Siqueira de Sousa. II. Kanaan, Dany Al-Behy. III.
Título.



Geplat Edições:

Rua Curitiba, nº. 54, Alto do Sumaré
CEP: 59.633-640 – Mossoró/RN, Brasil.
Tel.: (84) 9 9614-0379
E-mail: prof.jeanhenriquecosta@gmail.com
www.geplat.com/versos

Dany Al-Behy Kanaan: Poesias selecionadas

Ailton Siqueira de Sousa Fonseca
Organizador

 **versos,
Anversos
& Antiversos**
Mossoró/RN • 2024

VERSOS, ANVERSOS & ANTIVERSOS – ISSN: 2675-4975

O Caderno Virtual Versos, Anversos e Antiversos (ISSN 2675-4975) compõe a proposta de produção literária não científica do Portal GEPLAT. Trata-se de um espaço para o pensamento selvagem plasmado em escrevinhações ensaísticas, poéticas e ritmadas; em sussurros e desabafos profundos sobre o devir humano em situação moderno reflexiva de condução indeterminada de suas escolhas. Versos, Anversos e Antiversos, nesse sentido, pretende ser um Caderno Virtual das crônicas não teorizadas, mas vividas e vivenciadas sobre a pele sensível de seus autores.

Periodicidade: Quadrimestral.

Acesso Livre

EQUIPE EDITORIAL

Jean Henrique Costa - Professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Dr. em Ciências Sociais (UFRN);

Raoni Borges Barbosa - Pesquisador Bolsista DCR-CNPq/FAPEPI (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí). Doutor em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE;

Jeanemeire Eufrásio da Silva - Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH/UERN);

Lázaro Fabrício de França Souza - Professor da Universidade Federal Rural do Semiárido - UFRSA. Doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN;

Francisco Wilton da Silva Júnior - Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH/UERN);

Stamberg José da Silva Júnior - Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina;

Paulo Sérgio Raposo da Silva - Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN;

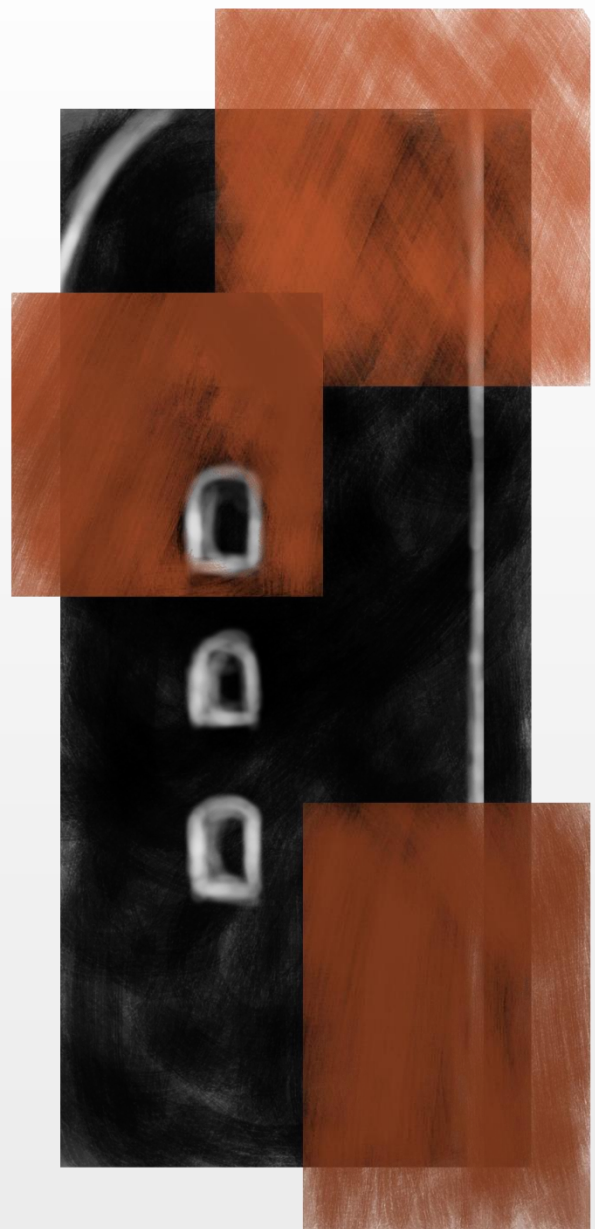
Elane da Silva Barbosa - Doutora em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e Professora substituta do curso de Medicina da UERN;

Dr. Thadeu de Sousa Brandão - Universidade Federal Rural do Semiárido (*in memoriam*).

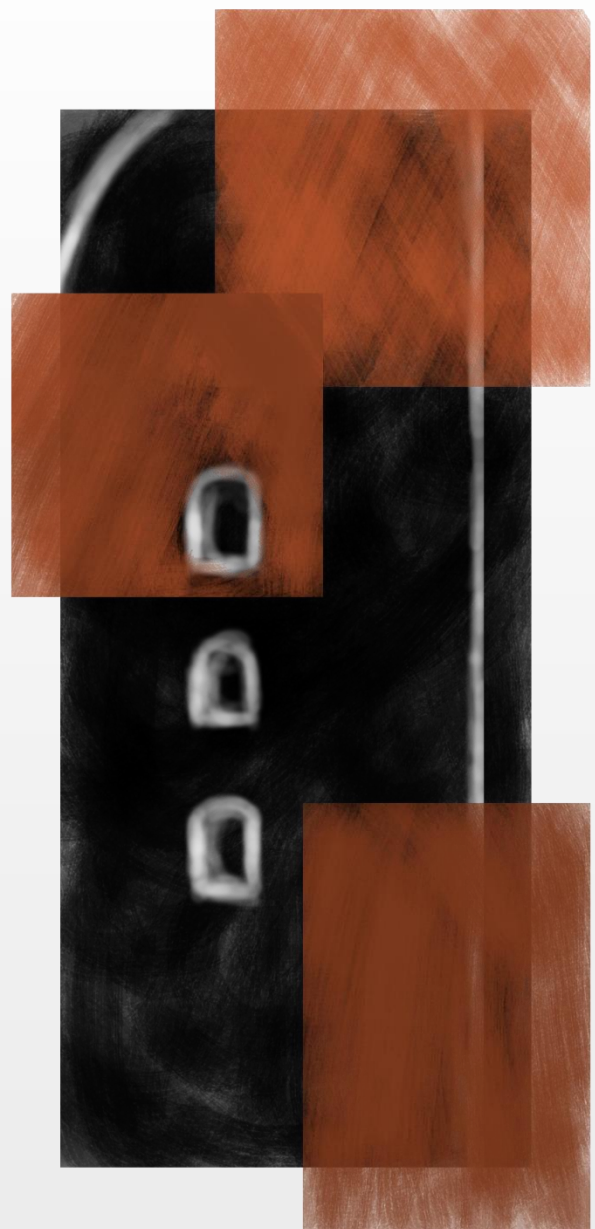
SUMÁRIO

- 11 | *Ailton Siqueira de Souza Fonseca & Dany Al-Behy Kanaan*
QUANDO A POESIA SE FAZ CARNE, A CARNE SE FAZ POESIA
- 18 | **BOLETIM DE OCORRÊNCIA**
- 19 | **JOGO DO DESTINO**
- 20 | **SOU MUITO OCUPADA**
- 21 | **O VASO**
- 22 | **SOB ENCOMENDA**
- 23 | **ALBÚM DE FAMÍLIA**
- 24 | **JÁ FUI OUTRA**
- 25 | **ESTOU CANSADA**
- 26 | **TEU NOME**
- 27 | **O QUE ME CALA**
- 28 | **CONFISSÃO**
- 29 | **UM DIA FUI ESTA**
- 30 | **EQUILIBRISTA**
- 31 | **LÍNGUA MATERNA**
- 32 | **ANDO ESQUECIDA**
- 33 | **A OUTRA**
- 34 | **INCRÉDULA**
- 35 | **VISÃO**
- 36 | **A VIÚVA**
- 37 | **MAR**
- 38 | **ENFEITE**

- 39 | **DESILUDIDA**
- 40 | **GÊMEAS**
- 41 | **MATERNAGEM**
- 42 | **A MALA**
- 43 | **ESQUECIMENTO**
- 44 | **SIAMESES**
- 45 | **NAUFRÁGIO**
- 46 | **PINTURA**
- 47 | **NOIVADO**
- 48 | **LEMBRANÇA ENCOBRIDORA**
- 50 | **CORAÇÃO PARTIDO**
- 51 | **NÃO SEI ESCREVER POESIA**
- 52 | **POEMA DE AMOR**
- 53 | **ACORDEI EM LÁGRIMAS**
- 54 | **SEUS PASSOS**
- 55 | **PALAVRA PERDIDA**
- 56 | **O GATO**
- 57 | **SEMEADURA**
- 58 | **BRINCADEIRA INFANTIL**
- 59 | **ERRÂNCIA**
- 60 | **A PALAVRA INSÓLITA**
- 61 | **DESTA ÁGUA**
- 62 | **LÍNGUA MATERNA**



- 63 | PALAVRA
- 64 | POR QUE TANTA LUZ
- 65 | AMOR PRÓPRIO
- 66 | AMOR
- 67 | SONO
- 68 | OBRA DE ARTE
- 69 | SEM FANTASIA
- 70 | PIANO
- 71 | MEU CAMINHO
- 72 | RAÍZES
- 73 | AMIZADE
- 74 | BOM DIA
- 75 | NUDEZ
- 76 | SONHO
- 77 | PALAVRA ESQUECIDA
- 78 | DESASSOSSEGO
- 79 | SOBRE OS AUTORES



QUANDO A POESIA SE FAZ CARNE, A CARNE SE FAZ POESIA

Ailton Siqueira de Sousa Fonseca
Dany Al-Behy Kanaan

“O que tem de ser tem muita força”, dizia Clarice no seu livro *A descoberta do mundo*. Acredito nisso. Acredito nessa força que não tem nome, mas que faz as coisas acontecerem, sem explicação, quase como evocação. Digo isto porque conheci Dany quando fui cursar meu doutorado na PUC-SP. Eu estava com um projeto doutoral sobre Clarice Lispector, tentando compreender como o homem se faz homem (humano) na obra dessa escritora brasileira e tão estudada por pesquisadores de todas as áreas do conhecimento. Certo dia, meu orientador de tese, Edgard de Assis Carvalho, me disse: “tem um professor aqui na PUC que é psicanalista e clariceano. Quero que você o conheça”. E assim aconteceu. Era uma sexta-feira sem sol em São Paulo. Eu me encontrei com o Dany (como assim o chamavam). E o encontro pareceu um reencontro: afinidades clariceanas e uma paixão pela condição humana e pela linguagem nos fez unidos nessa aposta de tocar o intocável, de falar do indizível, presente na obra de Clarice e na vida de todos nós. Logo, ele me convidou para participar do seu grupo de estudos sobre Linguagem e Subjetividade e comecei a participar de discussões sobre a Psicanálise.

“O que tem que ser tem muita força”. Sem esses acontecimentos eu não teria escrito o que escrevi na minha tese, eu não teria vivido o que vivi nem estaria hoje tentando levar a vocês, leitores, um pouco das palavras poéticas desse sujeito que faz das palavras seus brinquedos.

Sabemos desde Freud que brincar é uma das maneiras de dizermos coisas que jamais saberíamos dizer consciente e racionalmente. Ou seja; brincadeira é coisa séria. Mas Dany Al-Behy Kanaan não tem medo de brincar com palavras, de se pôr nelas e se expor nelas. Há pessoas que usam as palavras para se cobrirem. E há aquelas que usam as palavras para se despirem. Essas sabem usar a língua. Dany é uma dessas pessoas. Aliás, ele não usa as palavras. Ele é as palavras que ele mesmo fala. Não há dicotomia entre o que ele diz, o que ele pensa, o que ele sente e quem ele é. A palavra fez carne e se fez alma, se fez mente e coração, se fez gente, fez ele.

Por isso, ele escreve e se inscreve em cada escritura sua. Como ele mesmo me disse, recentemente,

“A poesia está na mão de quem escreve.
No olhar assombrado do escritor diante das palavras que lhes escapam.
No cheiro que exala do papel sangrando pela ponta afiada do lápis.
Na saliva que encharca a boca, escorre pela língua e mata-lhe a sede.
A poesia está aí.
Encarnada no poeta.
Em carne viva”.

A poesia está aí, no poeta, em carne viva. Então, viva a carne! A poesia também é isso: carne viva, é aquilo que faz a carne viver e querer sentir – no peso da carne que pulsa –, aquilo que não tem peso, que não tem forma, que não tem cor, que não tem corpo, mas aquilo que faz de nós o que nós somos, que faz de nossa vida algo maior do que nós. A poesia tem essa magia. O poeta é um mago que não está inume aos efeitos de sua própria feitiçaria.

Mas meu intuito aqui não é apresentar esse psicanalista, escritor, professor, amigo e poeta Dany Kanaan, pois como afirmou Octavio Paz, “os poetas não têm biografia. A sua obra é a sua biografia”. Então, a partir de agora, deixo ele mesmo se apresentar:

Minha infância está impregnada pelo pó do porão da casa onde morei com meus avós. Lugar úmido e escuro, que despertava em mim tanto medo como fascínio. Eu conhecia cada canto, cada espaço escuro, respirava aquele ar envelhecido, impregnado de poeira, fumo de corda, sacos de estopa, madeira mofada e outros tantos objetos com seus cheiros e histórias característicos.

Até hoje sonho com esta casa e seus habitantes inexistentes.

Fiz do porão o meu mundo. E da solidão infantil o meu refúgio.

Desde cedo, a assombração da doença e da morte povoaram minha mente e minha imaginação.

O cemitério passou a ser o jardim pelo qual passeava em dias de sol ou de chuva. Talvez ali encontrasse, agora no universo do fora, um pouco do abrigo que o porão, com suas portas e janelas empenadas e meio apodrecidas, insuficientes para que a luz do sol chegasse, me oferecia.

Habitante do silêncio, transeunte entre os túmulos, dentro ou fora, eu era uma alma inquieta e errante.

Eu vivia pouco o espaço superior da casa, onde havia luz. Mas tudo nela era pesado, os móveis, a convivência com seus habitantes e suas histórias cheias de lacuna. Histórias como a luz, amareladas. Existia ali uma outra língua, reservada ao segredo, ao que não se podia partilhar. A curiosidade inicial em saber do que se falava transformou-se com o tempo em conformismo, em desinteresse, em alheamento, em apatia.

A escola era meu pesadelo acordado. Eu odiava tudo o que se referisse a este local de tortura. Eu preferia o cemitério, para onde eu ia quando matava aula. Eu não tinha lugar no Grupo Escolar. Ele não era pra mim, ele me expulsava o tempo todo. Eu nunca fiz parte do “grupo”. Era um ser amedrontado, em que os conhecimentos, quando chegavam, eram sempre de forma fragmentada. Eu era e ainda sou esse ser fragmentado. Fiz disso, não por opção, mas por salvação, um modo de vida.

Minha memória da infância é feita de fragmentos esparsos, muitos vazios, alguns preenchidos com lembranças vagas ou coisas que inventei para dar sentido ao que vivi e que não fossem em vão.

Minhas melhores lembranças da infância estão no que nunca pude compartilhar e vivi clandestinamente.

Modo pelo qual descobri em casa, enfiados numa estante de “bagunça”, alguns livros que minha mãe, professora, recebia de cortesia das editoras. Nunca fui incentivado a ler. Minha mãe estava longe, minha avó era analfabeta, meu avô vivia outro mundo. Mas encontrei por acaso, no meio da bagunça que era minha vida, esses livros que comecei a ler por “falta do que fazer”.

E comecei a querer escrever uma história: “A loira misteriosa” (talvez inspirado por uma prima loira, de quem continuo gostando muito e para quem escrevi um pequeno e ingênuo poema, cheio de erros de ortografia). Depois dessa história inacabada, escrevi um conto, que falava de uma moça triste, solitária, que

um dia descobre a alegria de viver e acaba se afogando “no mar de sua felicidade” (só me lembro deste final). Eu tinha cerca de dez ou onze anos.

Três mortes foram vividas até aqui, um tio-avô, minha madrinha adotiva, de quem realmente me sentia próximo, querido, e meu tio, vítimas de câncer e de um sofrimento longo que assisti de corpo e alma.

Quando, recentemente, recebi a notícia de um câncer, reagi com uma naturalidade impressionante. Talvez porque ele sempre existira dentro de mim. E na sua forma mais devastadora, a meu ver, o afetivo.

Ao completar 13 anos, fui morar com meus tios em outra cidade. E tudo mudou. Eu agora teria de estudar, aí começa de fato minha escolarização. Não havia mais porão ou cemitério em que pudesse me esconder.

Alguns conflitos escolares permaneceram, mas eu agora precisava vencer esse desafio, me apegando aqui e ali para suprir tudo o que eu não tinha aprendido. Minha tia foi “imprescindível” nisto (aprendi com ela o significado desta palavra, que bem a define em minha vida). Ela estudava comigo, me ajudava, me direcionava.

Minha prima, filha dela, outra grande paixão, foi imprescindível (aprendi!) aqui. Eu a idealizava de tal modo que queria partilhar com ela tudo do que ela gostava.

E foi por meio dela que descobri a “felicidade clandestina”. *Felicidade clandestina*, livro de contos de Clarice Lispector, que li vorazmente. E sem entender. Eu precisava ler, porque ela lia, e era bom. Ponto. Novamente, outra prima. As mulheres sempre me inspiraram e me fascinaram. Outras aterrorizaram. Destas, ouço a voz de ameaça e punição em meus ouvidos ainda. As mulheres são inúmeras. Figuras fortes, carentes. Daí talvez eu escrever na voz feminina...

Comecei a colecionar todos os livros de Clarice Lispector. Lia todos. Não entendia nada. Mas havia algo ali que me fascinava, que parecia falar comigo. Eu queria ler cada vez mais os livros de Clarice. Eu queria ler Clarice.

Ela falava de morte, de perdas, de solidão, de desencontros, de tédio. Mas falava também de amor. Não esse amor idealizado e “sublime”. Mas aquele “terreno” e sincero. Clarice nunca me abandonou. Eu recorria a ela o tempo todo. Até que comecei a escutá-la. A me escutar. Juntos caminhamos muito, sempre nos apoiando.

Foi Clarice que me aproximou também da mulher mais forte em minha vida até hoje, minha irmã. Meu “ninho” e “abrigo”, como está inscrito em seu nome.

Minha graduação iniciada em Letras foi recheada de Clarice. Depois, o desejo de estudar sua vida e obra foi tão grande que transferi meu curso para Psicologia. Clarice sempre comigo. Terminamos a graduação em Psicologia e fomos ao mestrado em Psicologia Clínica (*Clarice Lispector: a libertação pela escrita ou A via crúcis do corpo*). Terminado o mestrado, ingressamos no doutorado (do qual nasceram dois livros *Escuta e subjetivação. A escritura de pertencimento de Clarice Lispector* e *Clarice Lispector: entre o biográfico e o literário. Uma ficção possível*).

Tudo o que faço profissionalmente, fazemos juntos, Clarice e eu.

Os estudos sobre Clarice foram essenciais para mim, pessoal e profissionalmente. Ainda são. Descobri que, como ela, escrevendo eu poderia “me salvar” e ajudar a salvar outras almas atormentadas ou simplesmente “viventes”. Fui professor de Leitura e escrita nas práticas clínicas (particularmente a psicanalítica e a fonoaudiológica), sempre me servindo de relatos autobiográficos e biográficos de Clarice, de seus textos. Na psicologia, Clarice estava sempre presente com a mesma intensidade. Nas aulas para os cursos de pós-graduação em Psicopedagogia, Neuropsicopedagogia, Educação Especial e Inclusão, Educação Infantil, Clarice segue firme comigo. No curso de Formação em Psicanálise, que coordeno e ministro aulas, Clarice marca presença e me auxilia. A cada dia que vivo, Clarice está comigo. Está aqui, agora, enquanto escrevo, impregnada no meu corpo e psiquismo. Atrás de mim, num retrato enorme que tenho dela. Sempre com aquele olhar perscrutador. Que em nada me assusta, como dizem tantos sobre seu olhar, apenas me inspira. Sob este olhar escrevemos recentemente *Clarice Lispector*, sua biografia dirigida ao público infantojuvenil.

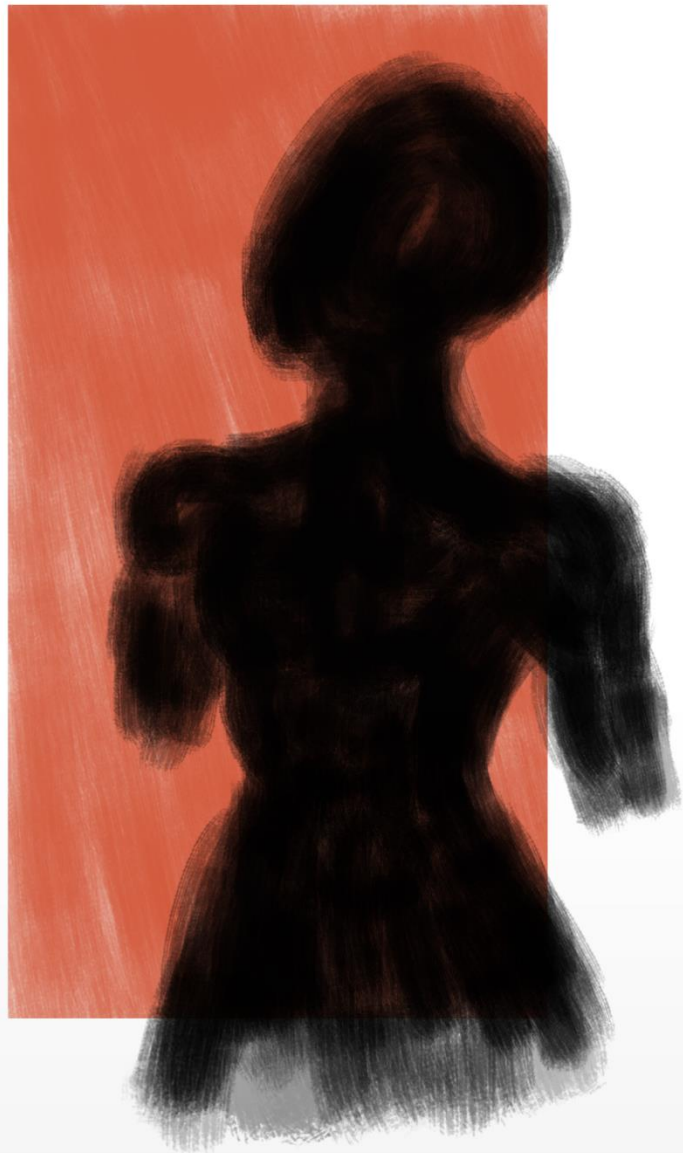
Tudo o que escrevo – *que fique claro, não me considero escritor e nem poeta* – tem a ver com o que vivo, sinto. Não espero reconhecimento, mas confesso que um certo acolhimento. Acolhimento por meio da palavra escrita, meu refúgio e minha salvação, parodiando Clarice. Os temas sobre os quais escrevo, seja qual for o gênero, obrigatoriamente, consciente e inconscientemente, têm estreita relação com o que vivi e vivo, como sinto e o que me afeta. Como procuro dar algum sentido ao que estou vivenciando. Gostaria de dizer como Clarice, “Eu escrevo e assim me livro de

mim”, no entanto, eu escrevo e assim escrevo de mim. Se não, sufoco. E aí sim, com Clarice, dizemos: “Não tenho vocação para o suicídio”. Todos temos. Mas escrever pode nos salvar. Ela me salva todos os dias.

Tudo o que escrevo tem essas marcas, o cheiro mofado e úmido do porão que ainda impregna o meu corpo, o odor que exala dos vasos de flores fenecidas do cemitério, o escuro e a solidão que me acompanharam, o silêncio ao qual aprendi a habitar, o abismo que até hoje contemplo com atenção, curiosidade e vertigem. Mas porque escrevo sobre tudo isso, vivo uma “alegria difícil, mas chama-se alegria”, na voz de Clarice. E como para ela, a escrita me trouxe muitas coisas boas e pessoas maravilhosas, amizades sinceras – as verdadeiras amizades –, como a de quem escreve a apresentação deste número especial da Revista e é o responsável – ele bem sabe – por eu ter enveredado por este novo caminho, um descaminho na minha trajetória com a escrita, que nunca havia sonhado em percorrer, até ser inspirado e provocado, impulsionado por ele, este amigo destemido, que não “tem medo das palavras”, clariceano, freudiano e, sobretudo, Ailton, ele sim, poeta.

Não posso deixar de dizer – por ironia do destino ou outra coisa que nunca saberei explicar – que quando finalizei o mestrado a que me referi acima, ao fazer a dedicatória à minha mãe, resolvi perguntar-lhe o significado de seu nome, o que nunca me havia ocorrido antes. Minha mãe chamava-se *Quêtibe*, cujo significado é: *escritora*.

E assim convido vocês, leitores, a lerem as poesias aqui selecionadas.





BOLETIM DE OCORRÊNCIA

Quem roubou minha antiga beleza?

Ora, faça-me a gentileza de devolvê-la.

Faço-o com a mesma destreza que a tiraram de mim.

É minha e a quero como a levaram: intacta!

Não aceito desculpas de engano,

Pedidos de recompensas,

Chantagem, nem pensem.

Aguardo de boa-fé ou faça um boletim de ocorrência.

Pois bem, esperei o suficiente.

Vou contar até três e, para o bem de que o fez,

Que apareça: um, dois...

Espere um momento!

Esqueci um detalhe.

Alguém, por favor, me traga um espelho.

Estranho, parece que reconheço neste rosto que vejo

Algo de meu.

A pinta na testa, sempre foi minha.

O nariz afilado,

Os lábios,

O perfil delicado...

Sim, com certeza, sou esta.

Mas por que esta nova e não a antiga beleza?

Retoques, harmonizações e outros desvelos,

À morte não interessa os caprichos terrenos,

De nada lhe serve.

Um punhado de terra lhe basta.

A que parte, de nada lhe serve o espelho.



JOGO DO DESTINO

Já abri as cartas de todos os destinos,
O meu, sempre apareceu indefinido.
Busquei na borra de café,
No fundo de tantas xícaras,
Em todas as posições que olhei,
Vi apenas o abismo.
Nas linhas de minhas mãos,
Onde primeiro o perscrutei,
Li com clareza descaminhos,
Que meus passos se confundiram em nós
E neles se perderam sozinhos.
Joguei búzios,
Evoquei o Desconhecido,
Me servi de números e letras que nem acredito.
Recorri aos astros
E pedi aos cristais que me indicassem o caminho.
– É este o seu destino!
Apontaram todos de um golpe certo.
Eis-me posto sobre esta mesa.
Como um banquete servido à realeza.
Que aguarde confortável – quase digo, conformado –
“Em meu leito de princesa”,
A chegada dessa Dama,
A Morte, vossa Alteza.



SOU MUITO OCUPADA

Desde pequena, dei mostras de independência.

Esnober, jamais.

Jamais convencida.

Apenas sempre gostei da sensação de não depender de ninguém.

De não esperar por companhia.

Resolver o que for preciso. Sozinha.

Sem pretextos, desculpas, expectativas.

Agora, veja você, estou presa!

Cercada neste salão por pessoas que mal reconheço,

Ouvindo risadas contidas,

Conversas que nada me dizem respeito.

Deus me livre de tantas lamúrias e choramingos

– me entendam, não quero faltar com o respeito, só faltam as carpideiras e isto vira uma feira.

E eu aqui parada, deixando tantos afazeres de lado,

Sem vislumbrar qualquer ponto de fuga.

Se ensaio uma saída, alguma estranha figura me encara,

Tentando puxar um assunto do qual nada entendo.

Sai esta e vem outra maldita, com uma prosa de outra vida.

Eu, que nunca precisei de nada e de ninguém,

Estou nesta, à espera de que me conduzam até minha nova morada,

Que não decido a hora, nem sei onde fica.

Afinal, o que mais posso fazer?

Para mim não existe outra, a não ser esta única porta.

Não tenho escolha, estou morta.



O VASO

Por gentileza,

Coloque este vaso de flores silvestres

Sobre esta mesa.

Repare, talhada em peroba vermelha,

Herança de minha família.

Deixo-o ao centro, à vista.

Desloque-o um pouco à direita.

Agora, mova-o ligeiramente à esquerda.

Perfeito!

Perdoe-me se lhe pareço perfeccionista.

Sou assim, desde pequena.

Imagine depois de morta.

Se sou assim que estou viva.



SOB ENCOMENDA

Só trabalho com agulha bem fina.
Tenho as mãos delicadas.
Coso em seda, apenas.
Perceba como sou talentosa,
O tecido nunca esgarça.
Não deixo linhas soltas, nem pontas,
Dobras malfeitas ou ruga aparente.
Sei esconder a costura per-feita-mente.
Aceitaria encomenda,
Não estivesse fechada a agenda.
Uma cliente exclusiva exige todo o meu tempo:
Um longo manto negro de seda.
Feito sob medida.
À altura de ilustre figura,
Pertencente à nobreza.
Se pudesse, de bom grado atenderia a seu pedido,
Não estivesse comprometida com a Morte.
E tão distante da Vida.



ÁLBUM DE FAMÍLIA

Ando esquecida de mim.

Folhei antigos álbuns de família,

À procura daquela, acredito, já fui um dia.

Página à página, folhei-as esvaecidas,

Como as imagens carregadas de tempo,

Ferrugem e traças por si consumidas.

Achei-me numa e noutra fotografias,

Encoberta por uma folha de papel de seda amarelecida.

Em todas, encontrei-me perdida,

Assombrada por uma breve lembrança

De alguém com quem me parecia.

Não sei se quero encontrar-me,

Ou dar-me para sempre perdida.



JÁ FUI OUTRA

Já fui outra, não esta.

Com as faces de escuridão e de trevas.

Já fui aquela, com o sorriso borrado e o olhar distante,

Emoldurada nesta janela.

Já fui tantas e não fui nenhuma.

Hoje sou esta, a desconhecida.

Vestida de sombras e seda.

Tropeçando em si mesma,

Equilibrista à espera da queda.



ESTOU CANSADA

Repito as mesmas palavras,

Escrevo insistente desgastadas frases,

Nessas linhas desbotadas e incompletas.

É que algo em mim não consigo expressar de outro modo,

Como a fome que saciada volta.

Sou consumida por isso que abafado dentro de mim

E, silencioso, sem que se escute, grita.

Um dia sei que “Isso” cala.

Não, não agora que estou cansada.



TEU NOME

Não me diga teu nome,

Não quero sabê-lo.

O meu, procurei em mim de mim mesmo escondê-lo.

Nada sei deste “nome próprio”

Que a mim escolheram.

Se me chamam por ele,

Em mim nada ecoa.

Não há apelo.

Quero um nome “impróprio”,

Quem sabe nele me encontre

E posso então respondê-lo.



O QUE ME CALA

Falo porque algo em mim cala.
Esse grito preso e primitivo,
Em algum espaço dentro de mim reprimido.
Fui concebido em silêncio e gemido, eu sei.
Nasci pelo verbo, o substantivo,
E pelo Verbo, nunca reconhecido.
Quem sabe, apenas me baste,
Ao pé do ouvido, escutar em mim esse grito,
Palavra ou gutural grunhido.
Não sei, mas uma vez se assim conhecido, me calo
Porque o que me cala foi dito.
O choro desamparado de um recém-nascido.



CONFISSÃO

Confessei tantas vezes,
Em voz alta ou por escrito,
Me entreguei às palavras
E fui por elas traído.
Mesmo tomado pela mágoa dos derrotados, insisto.
Orgulhoso, me sabendo vencido.
Em breve o dia em que, cansado, desisto.
E assim convencido, me lanço ao silêncio,
Esse abismo.



UM DIA FUI ESTA

Vê neste porta-retratos esta fotografia?

Já fui esta um dia.

De faces rosadas e belas,

De sorriso, diziam, me alcançava a testa.

De olhos de fogo e de festa.

Já fui esta um dia.

De longos cabelos encaracolados

Que enganavam o vento, esse apressado.

Olhe bem, observe, como carrego esses brincos

E esse delicado pingente,

Altiva e contente.

Um dia fui esta, acredita?

Hoje sou outra.

Sou esta, nesta fotografia.

Prisioneira neste porta-retratos, amarelecida.



EQUILIBRISTA

Sou equilibrista.

Caminho instável por esta linha.

Ao mesmo tempo atenta e distraída.

Com um olho na chegada e outro na queda que me abisma.

Caminho trôpega pelas ruas,

Embriagada me acreditam.

Tudo em mim pesa.

Quando não uma perna ou outra, as duas me desestabilizam.

Se caio, todo meu corpo se agita.

Luzes que se movem ou piscam velozes, incolores ou coloridas,

Penetram meus olhos e me escurecem a vista.

O chão me oferece acolhida.

E a convulsão em sem seguida.

Tudo me afeta.

Não sei se é falta ou excesso de vida.



LÍNGUA MATERNA

Sentada no sofá da sala,

De repente, minha mãe rompe a língua do silêncio que nos une.

“Meu filho, com o que eu trabalhava mesmo?”

Habitantes do mesmo mundo, por um segundo,

Respondo: “Você era professora de português e inglês”.

Com o olhar já distante,

O silêncio volta a ser nossa língua materna.

Minha mãe, poliglota.



ANDO ESQUECIDA

Ando esquecida.

Me fogem as palavras, troco letras, tropeço na pronúncia.

Me perco no meio de um gesto que jamais saberei se era meu e o que seria.

A doida descoberta desta incompletude que sempre fui.

Tanto tempo e só agora...

Sinto falta da falta que sempre me habitou.

A santa e incrédula ingenuidade dos “humildes de coração”.

Aqueles que apenas creem sem pedir nada em troca.

E esperam com fé e rancor que lhes estendam a mão

Apenas porque “não cobiçaram as coisas alheias”,

Sem perceber o quanto estão corroídos pela inveja e o sabor da luxúria

Escorrendo pela boca sedenta e manchando as roupas puídas.

Andei esquecida deste abismo que me traga aos poucos...



A OUTRA

Quero viver outra vida,
Outra vida, não esta.
Outra vida, que desta despida
E de sonho vestida,
Possa sonhar outros sonhos,
E me tornar parecida
Com aquela que um dia fui esculpida.
E em algum lugar doutra vida,
Por mágoas que desconheço,
Me deixei esquecida.
Quero viver outra vida,
Outra vida, esta, recém-renascida.



INCRÉDULA

Nunca fui dessas de acreditar em milagres,
Ajoelhada diante de imagens sagradas,
Em silêncio ou voz alta,
Fazer pequenas ou grandes promessas,
Cobrir-me com a humildade de ocasião,
Fingir-me convicta de santa,
Barganhando graças divinas,
Tentando fugir nesta vida,
Do que esta vida me atesta.
Mas se pudesse pedir uma graça,
Almejaria um amor, pra viver nesta vida, nesta.
Não naquela que, crente, me espera.



VISÃO

Andava desatenta quando notei que alguém me sorria.
Assaltada de intrépida e tímida alegria,
Percebi que tudo ao meu redor se movia.
A brisa, jocosa, perseguia uma borboleta,
Que dela, com sua ciranda de cores, fugia.
O sol clareou mais intenso
A sombra que se escondia.
Mesmo a semente guardada em sua timidez,
De repente eclodia.
Então, por mim passou este alguém,
Que seu sorriso a cegueira escondia.



A VIÚVA

Veja como sou bela,
Inteira vestida de luto.
Sou esta, e outra não quero.
Não procurem me mudar o traçado.
Dar-me contornos que não me desenham.
Não me cubram de tintas com cores que não são minhas.
Sou viúva de mim.
E quero permanecer sempre assim, eterna, perene.
Sem mágoas, sem culpas ou arrependimento.
Imune ao tempo.



MAR

O Mar, ao acolher tantas vidas,
Às vezes revoltado, às vezes sereno,
Ingênuo, bastando-se crendo,
Narciso afogado na própria carência,
Certa vez, desprevenido,
Na escuridão, refletindo a Lua e nela refletido, não se reconhecendo,
Cego, sem ver que era ele próprio a quem via,
Apaixonado por este desconhecido,
De um impulso, mergulhou bem profundo
Em busca da inalcançável imagem que refletia,
Sem perceber a armadilha em que caía,
Artifício da Noite, ardilosa, que o seduzira,
Aproveitando-se da Lua, que de isca fazia,
Atraindo-o às profundezas de si mesmo
Na qual se aprisionaria.



ENFEITE

Como a noite estava vazia,
Pendurei na escuridão uma lua,
Melhor lugar não cabia.
Para não deixá-la tão nua,
Coloquei ao seu lado as Três Marias,
Tanto espaço havia,
Que acrescentei mais estrelas.
E o Céu se cobriu de alegria.
Não enfeitei em excesso com o que não servia.
Deixei espaços abertos para caber o que viria.
Busquei a mesma delicadeza com que se enfeita o dia.



DESILUDIDA

Ando tão desiludida,
Que mesmo o ar que respiro não me crê viva.
Meus gestos são lentos,
Nenhuma expressão no meu rosto
Transparece que surgirá uma ruga
Ou o esboço de um triste sorriso.
Tão conformada estou com esta vida,
Que até pela morte ando esquecida.



GÊMEAS

Você é clareza,

Eu, escuridão.

Você é terra fértil, preparando a sementeira.

Eu, terra árida, escavando com as unhas a própria sepultura.

Você é a alegria insone.

Eu, a insone melancolia.

Você é quem espalha as cores e colore tudo de dia.

Eu, quem cobre de trevas tudo o que a luz anuncia.

Você é pegada forte no chão.

Eu, vestígio de alguém que passou em vão.

Germinadas de uma única semente.

Espelhando duas faces, que são uma somente.

Cada uma cumpridora de seu ofício.

Gêmeas que não conhecem conflito.

Sabedoras, donas do próprio destino.



MATERNAGEM

Embalei suas alucinações e delírios,
Seu choro, reflexo automático em seu rosto que chamam sorriso.
Os movimentos de seu corpo, inquietos, expressando vida.
Assisti a seu engatinhar pelo chão de terra batida.
Chão no qual brincou até os primeiros passos de equilibrista,
Sem se frustrar diante das quedas, pondo-se em pé em seguida.
Acompanhei seu caminhar desvendando estradas,
E seus braços abrindo novos caminhos.
Lado a lado, aprendi seu arado, sua sementeira,
O desabrochar da obra de suas mãos calejadas, suaves, seguras.
Espectador contínuo de seu insondável destino, traçado sereno,
Como quem compõe uma poesia, esta língua de outro mundo,
Domínio apenas de quem a habita.
Este mundo inventado pela sua alma de artista.
Embalei sua despedida, quando partiu sem olhar para trás,
Construindo seu próprio destino.



A MALA

Desfaça as malas.

Guarde o que for preciso,

O que for preciso, e mais nada.

O que não serve, atire no lixo.

Esta caixa vazia, o que nela continha?

Se não tem serventia, dispense.

Tantos sacos inúteis, não acumule, recicle.

Peças de roupas que não lhe cabem, despreze.

As puídas, doe a necessitados.

Desfaça as malas.

Conserve apenas o que precisa.

Atenção! Num engano, não descarte a vida.



ESQUECIMENTO

Quero ser lembrada por esta que sou,
Não por aquela que fui.
Quero todas as rugas em meu rosto,
E essas bolsas pesando sob meus olhos,
E abaixo os lábios caídos.
Não me botem reparos de artificiais tecnologias,
Que me recriam nova e me deixam vazia.
Quero ser vista com as marcas do tempo passado,
Que me deram um presente.
Quero ser lembrada inteira,
E não inteira borrada.
Inteira, como, depois de morta, ser enterrada.
Então, não precisarei mais ser lembrada.



SIAMESES

Meu coração, cansado, saberá quando parar.

Não há espanto.

Me sobressalto se antes vier o momento

Em que, exausta, dele me canso.

De alegria ou de sofrimento.

Ele e eu, siameses, fadados a viver num e noutro colados.

Sabendo que, uma vez, separados,

Um e outro estaremos calados.



NAUFRÁGIO

Sou profundo, como um navio naufragado,
Eternamente ancorado no fundo abissal pelo qual foi tragado.
Sou escuro, como o navio pelo mar intempestivo sugado
Às entranhas do vazio insondável.
Cercado de criaturas excêntricas,
Do mundo desperto impensáveis.
Do reino dos sonhos, adormecidas,
Da luz, inalcançáveis.

Sou recluso, como este navio e estas abissais criaturas,
Flagradas, num susto, em suas cegueiras capturadas
Pelos olhos alertas de um afogado,
Confuso, entre ferros encalhado, à espera do que o aguarda,
Inconsciente de seu destino,
E incerto do mundo que habita.



PINTURA

Na aula de sonhos,
Caprichosa, desenhei um pesadelo.
Como não encontrei outras cores,
Deixei um espaço em branco,
E o restante pintei de preto.
Não criei grandiosos cenários,
Temerosas criaturas e outros rostos.
Sei que tenho mãos firmes, usei-as.
Meu traçado é preciso, devo a meus dedos.
Busquei algo leve e fresco.
Assim concluí meu desenho,
Esse pouco em que reconheço.



NOIVADO

Aquele é meu noivo.

Tão jovem e belo.

Elegantemente trajado, porém sem excessos.

Repare em seu rosto um discreto sorriso,

Compondo o seu porte, nobre e altivo,

Sem demonstrar a vaidade dos que trazem o orgulho ferido.

Note os cabelos negros e lisos,

Cuidadosamente penteados com tamanho capricho.

Veja-o inteiro, perceba cada detalhe, nada escapa.

Os sapatos lustrados, parecem um espelho!

Se prestar atenção, bem de perto, notará suas mãos perfeitas,

As unhas bem feitas, sem brilho.

Em seu dedo anular, nossa aliança de compromisso,

Que fez questão de manter em destaque,

Pousando com delicadeza sob a sua mão esquerda a direita, à vista.

Mantive seus olhos fechados,

Não por tradição, por respeito.

E para que sinta o conforto desse seu novo leito

E fique à vontade ao deixar esta vida.



LEMBRANÇA ENCOBRIDORA

Para Anderson

Era um quarto espaçoso,
Repleto de macas de assustadora simetria,
Que foram brancas um dia,
Como os lençóis que a vestiam.
Eram muitas as macas
E nenhuma era minha.
Estava eu ali de empréstimo,
Enquanto a elas servia.
Não era o único, outros chegavam e se iam.
Fiel ou prisioneiro, eu sempre permanecia.
Na semana, uma grande porta se abria,
Uma única vez, era uma visita que vinha.
Uma vez para mim, e me enchi de alegria.
Outra vez, me lembrava um médico passando em revista.
Depois, nunca mais, eu já mal existia.
Meus olhos nunca deixaram de fitar a porta que se abria.
Como ainda me lembro de ouvir o ruído das rodas que sobre o trilho fazia.
Por ironia ou por graça divina, não sei,
Uma janela, diante da maca que me acolhia,
Deixava-me ver a lua e as estrelas,
Que embalavam meu sono e me adormeciam.
Quanto tempo durou minha estadia – alguns diriam agonia –
Tão pequeno, sentindo o que mal conhecia, não me perguntem.
Durou o tempo que tinha.
Neste quarto que entrei, sem saber por que ali permanecia,
De mãos dadas saí, pela mesma porta que espreitei tantas vezes,
À espera de uma visita.
Saí como saem essas lágrimas,

Embaçando as lembranças que me sobrevinham.
Saudade, tristeza, mágoa, ressentimento, rancor...
Não sei o nome disto que sinto ou do que eu sentia.
Só aprendi a ler e a escrever bem mais tarde,
Quando de tudo já quase esquecia.
Somente agora percebo, neste momento,
Que ainda balanço as pernas,
Como, sentado na maca, fazia.
Com a cabeça baixa, fitando o chão,
Ou contando cada maca vazia.
Sonhando com o embalar da lua e das estrelas,
Quando chegasse a noite e acabasse a visita.



CORAÇÃO PARTIDO

Estou de coração partido.

Como numa noite em que nem os morcegos arriscavam seus voos cegos,

Via você partindo.

Assisti cada passo seu tomando distância

E eu à distância feito uma estátua de olhos vidrados,

Abrigada numa redoma de vidro.

Sem esboçar qualquer gesto,

Não encontrando um sentido.

Quanto maior a distância,

Menor eu o via.

Estou presa nesta redoma de vidro,

Olhando sempre a diante,

Numa noite eterna,

Sem esperança de outro dia.

Com meu coração partido, todo encoberto por ervas daninhas,

Que nunca secam, a me fazer companhia.

Estou de coração partido.

Com os olhos fixos no que foram uma noite o seu caminho,

Muda, espectadora, aguardando a hora de seguir a sua partida.

Paralisada “no meio de um gesto que jamais se completaria”¹,

Figura bíblica, escultura de sal e de dor, que ao olhar para trás,

Curiosa do mundo que se partia.

Olho para diante, paralisada num gesto que me consumiria.



NÃO SEI ESCREVER POESIA

Não sei escrever poesia,
De amor, de vida ou de alegria.
Escrevo sobre o que sou, a sombria.
Não sinto tristeza, arrependimentos ou melancolia.
Sempre tive essa letra,
Esse garrancho,
Com que anoto essas linhas.
Quem sabe nesse traçado,
Por ventura, num futuro breve ou distante,
Relendo me espante,
Lendo por distração ou displicência,
Nele encontrando, abandonado,
O rascunho do que viria a ser um poema,
De esperança,
Não somente de penas.



POEMA DE AMOR

Quero escrever um poema de amor desesperado.
Como todo poema que li,
Em que amar é um fardo.
Um poema de amor verdadeiro,
Não fácil, cujo fim já se sabe: é trágico.
Esse amor carregado sobre um andor,
Que pesa até sangrar os ombros.
E o coração não passa de escombros.
É nesse amor que acredito,
Coroa de espinhos,
Cruz, calvário, último suspiro.
Quero escrever um poema de amor.
Como os antigos, que para uma morte, tocavam um sino.



ACORDEI EM LÁGRIMAS

Acordei em lágrimas.

Não sei dizer se de algum sonho triste

Ou mesmo alegre.

Notei que chovia.

Ainda deitada,

Mal desperta, mas também não dormia.

Minha cabeça, pouco a pouco,

Era inundada, eu sentia,

Por fragmentos da noite e do dia,

Lembranças que nunca saberei se existira.

Encharcada, transbordando o que não mais eu continha,

Adormeci, exausta.

Afogada em lágrimas,

As mesmas que me despertaram

E agora me aninham.



SEUS PASSOS

Segui os seus passos
E os perdi no caminho.
Se insisto e o encontro,
Me acho sozinho.
Se o busco e me perco,
Há muito me dei por perdido.
Se algo me diz que ainda estou vivo,
É que em cada poste existo,
Numa imagem quase irreconhecível,
Com as palavras:
“Procura-se – desaparecido”.



PALAVRA PERDIDA

Andava pela rua,
De mim mesma esquecida,
Quando, ao dobrar uma esquina,
Onde junto dobra o vento,
Esbarrei numa palavra perdida.
No choque, ambas arremetidas,
Desviadas da direção delas próprias desconhecida.

Se de amor ou de ódio,
De mágoa ou de alegria,
De que boca saía,
A quem pertencia,
Jamais saberia
A fonte daquela palavra
Que encontrei vagando sozinha.

Sem saber aonde em mim ela cabia,
Que nome eu lhe daria,
Se de meu agrado
Ou outro que já existia,
Guardei-a como a encontrei,
Em silêncio,
Esperando que os meus lábios
Me dissessem ou sussurrassem seu nome,
Para que enfim fosse minha.



O GATO

Num telhado próximo,
Um gato flutua com seus passos
Leves, lentos.
Com a maciez que lhe confere a sua natureza.
Calmo e atento traça o próprio caminho.
Inconsciente da sua natureza.



SEMEADURA

Arrasto as palavras

Como já arrastei sonhos.

Minha sina é este duro arado em solo árido,

Em que ínsito semear.

Às vezes algo brota,

Às vezes nem chegam a germinar.

Desistir é coisa que desconheço.

Como desconheço em mim

A palavra que um dia poderá me salvar.

A palavra é minha cruz?

As palavras me condenaram,

Assim que cravaram em mim este prego

De um nome im-próprio.

Eu crucificado.

Expulso do Paraíso,

Sem a promessa de uma Terra Prometida

Para meu arado.

Eu, fadado ao esquecimento.



BRINCADEIRA INFANTIL

Não sei brincar com as palavras,
Aprendi tarde demais o alfabeto.
Já as palavras, cheias de malícia,
Me fazem de bobo.
Se escondem de mim,
Um atrás das outras.
Sussurram baixinho pra eu não ouvir.
Fingem serem uma coisa quando são outra.
Se embaralham todas só pra me confundir.
Depois sei que riem de mim:
“Gostosuras ou travessuras”, deboçam e saem correndo,
Sem esperar pela resposta.
Já não corro atrás delas e esqueci de como chamá-las
Se me perguntam por elas.
Desconfiado cerro meus lábios como quem diz:
“Não sei, nunca vi”.
Eu, dissimulado.



ERRÂNCIA

O amor é erro,
É errância.
Se deixa se seduzir pelos atalhos,
Recusa o caminho seguro,
Se perde e não sabe voltar.
Procura refresco de sombra,
Mas o sol à tona deixa a garganta seca.
Finge perder os sentidos,
Embaça a visão,
Se faz de surdo,
Diz que perdeu o olfato e o paladar.
Tudo blefe, tudo mentira.
Fingimento de amor.
Depois esquece, se contradiz.
Trapaceia as palavras,
Tropeça nos pontos,
Se enrosca em vírgulas,
(Ex)clama, interroga,
Mas nunca desiste.
O amor se atrapalha todo.
Amor que é.
É sempre errante.
Cheio de erros.
Mas que é amor de verdade,
Isto o amor é.



A PALAVRA INSÓLITA

Já busquei nos livros e dicionários a palavra certa.

Já utilizei todas as cores da minha paleta.

Em meus arquivos, procurei a imagem inédita.

Aonde encontrarei a expressão insólita

Que represente esse novo recomeço?

Ela sempre esteve diante dos meus,

Nos teus olhos.



DESTA ÁGUA

Desta água, não beberei!

Prefiro a sede insana dos santos

À saciedade fácil dos homens.

Sou feita de barro, de fé e de uma certa vaidade tola.

Nem céu, nem terra, nem inferno.

Vivo no limbo dos esquecidos.

Minha fonte é outra,

Outra que sou.

Meu nome?

Pergunte à tempestade.



LÍNGUA MATERNA

Sentada no sofá da sala,
De repente, minha mãe,
Rompe a língua do silêncio que nos aproxima:
“Meu filho, com o que eu trabalhava?”
“Você era professora de português e inglês”, respondo.
Com o olhar distante,
De volta a sua terra estrangeira,
O silêncio volta a ser nossa língua materna.
Minha mãe, poliglota!



PALAVRA

O dia, tímido e incerto,

Aguarda pra nascer

Sob o abrigo da escuridão.

Coberto com o manto de lua e de estrelas,

Abriga-se entre uma ou outra nuvem desgarrada.

O dia aguarda,

Como aguardam o seu despertar as flores sedentes de luz.

O dia resiste.

Até que a palavra imperativa é dita

E o dia, enfim, raia esplendoroso.

A tua palavra.



POR QUE TANTA LUZ

Ah, essa luz nos meus olhos.

Por que tanta claridade quando bastaria

Apenas um raio de sol.

Uma vida cheia de luz e eu me arrebento toda.

Arrebatada pela claridade da vida.

Quero a sombra fresca

E um gole de água de mina.

Beber diretamente da fonte da vida.

Essa vida que nasce da obscuridade em direção à claridade.

Dá-me um pouco de luz,

Nem tanta.

Não ofusque minha vida com tanta claridade.

Quero uma vida plena e radiante,

Com essa obscuridade essencial

Que me empresta esse ar de segredo.



AMOR PRÓPRIO

O amor é próprio.

É próprio do amor.

Amor próprio.

Meu amor é o próprio amor.

Esse pró(ximo)prprio dentro de mim.

Encontro do meu amor próprio com

Outro amor próprio.

O mais próprio do amor.

Eu me amo como me amas.

E tu te amas como te amo.

Amor próprio.

Próprio amor.



AMOR

Nunca entendi essa palavra, amor.

Na saída do grupo escolar,

Os meninos me chamavam pra 'brincar'.

Isso eu entendia bem.

Sempre chegava em casa com o uniforme amassado,

Os joelhos ralados e os lábios vermelhos.

"Você chupou picolé",

Vinha a pergunta como bronca.

"De groselha", dissimulava.

"Já não disse que sorvete só depois do almoço?",

Ainda ouvia.

Eu, satisfeito,

Cheio de amor (im)próprio.



SONO

Nada me desperte deste sono.
Ninguém me roube este sonho fugidio:
Tuas mãos moldando a massa informe
Do meu corpo,
Fermentando meus desejos,
Tatuando minha pele
Com as linhas in/certas de tuas digitais.
Você, artesão do meu destino.



OBRA DE ARTE

Nosso amor é obra de arte.
Tela em branco aguardando inspiração.
Suspira, sonha, alucina.
O coração dispara de repente: é agora!
E tudo se dissipa no mesmo instante.
Alarme falso.
Puro alarde.
Abandona pincel e tinta,
Dissimulado que é.
Escolhe moldura de luxo,
Que lhe garanta um certo contorno
E uma parede vazia.
Nosso amor precisa de espaço para alastrar.



SEM FANTASIA

Me tirassem esta fantasia,

Desnuda, eu morreria.

Já não sei em mim o que é pele

E o que é palavra.

Meu corpo revestido pela língua materna.



PIANO

Nunca aprendi piano.
Tenho os dedos curtos e me falta ritmo,
Disseram.
Engoli em silêncio meu orgulho ferido
E minhas cordas vocais vibraram de decepção.
Dessa tecla não tocarei!
Surdo, aceitei que a vocação pra música
Não regeria jamais minha vida.
Mas nunca me haviam dito que as palavras
Escondessem sonoridades,
Isto descobri com os poetas.
Por despeito, um dia resolvi dedilhá-las.
Às vezes, ressoam algumas notas,
Outras, apenas emitem chiados.
Não sou poeta,
Mas como eles, não preciso de dedos longos,
Uma batuta e um piano.
Apenas um lápis e uma folha em branco.



MEU CAMINHO

Meu caminho é um descaminho.
Tropeço, caio, arrasto meus pés cansados.
Sempre escolho os desvios,
Não nasci com senso de direção
E nunca soube o significado de chegada.
Sei que um dia “estarei mudo, mais nada”.



RAÍZES

Minhas raízes são inexatas e imprevisíveis.
Mas são profundas.
Penetram o solo como suas garras um dia
Cravaram com força bruta meu coração.
Raízes que sangram a terra em busca da água sagrada.
Assim como provou do líquido aveludado e
Vermelho que ainda circula nas minhas veias
E jorra com seu amor lancinante.
Minhas raízes são fortes e confusas.
Seguem em direção a seu destino maior e desconhecido.
Sabem por instinto que precisam sustentar
Sua copa frondosa.
“Floresceis e multiplicai-vos”,
Ordena sua natureza.
Eu, como a natureza, humano, obedeço ao meu chamado.



AMIZADE

Amigo não tem dia,
Não sabe o que é hora,
Desconhece o tempo,
Este senhor antigo,
Que passa, deixa marcas,
Mas não apaga os seus rastros,
O que é eterno: a amizade.
A sua amizade.

BOM DIA

Hoje acordei vestida de sol,
Atravessada por este feixe de luz,
Que me expande em cores de alegria.
Acordei sorrindo,
Sabendo que me daria: bom dia.



NUDEZ

Quero despir-me dessa pele,
Ficar em carne viva.
Nesta carne, assim despida,
Descobrir se o que sinto é dor
Ou apenas leve brisa.
Saber-me morta
Ou saber-me viva.



SONHO

Sonhei que estava vestida de noite.

Ou a noite era quem me vestia.

Não lembro se lua ou estrelas havia.

Apenas nós duas, a mesma,

Aguardando o chamado do dia.



PALAVRA ESQUECIDA

Por favor, você, sim, esta desconhecida,
Ajude-me a encontrar a palavra esquecida,
No fundo de uma gaveta,
Em uma caixa de joias,
Talvez no bolso de uma roupa antiga.
Agora me ocorre,
Estaria à margem da página de um livro, perdida?
Preciso dela com urgência.
Quero escrever um poema,
Começa e termina com esta palavra.
Peço-lhe, ajude-me,
A quem mais pediria?
Não lembro a primeira e a última letra
Desta palavra secreta.
Tenho uma vaga lembrança que a antítese de uma
E de outra é mesma.
A mesma, a que esconde e revela quem somos,
E de quem nos escondemos...
... não sei mais se quero escrever um poema.
Se esqueci onde guardei essa palavra,
Aí melhor que a deixe esquecida.



DESASSOSSEGO

Que desassossego me toma?
Será desespero ou desejo?
Vem de pequeno.
Aprendi desde cedo a senti-lo.
Mas nunca me revelaram seu nome.
Minto pra todos e pra mim mesmo:
“Não ligo, somos, na paz e na guerra,
Inseparáveis parceiros.”
No fundo dos olhos,
No peito,
Nas batidas do meu coração,
Em cada veia,
Pulsa o desespero.
Passo as noites em claro
– Quem dera, tudo são trevas –
Aguardando o novo amanhecer.
Por quê?
Não sei responder.
Talvez me distraia o agito do dia
E recupere o fôlego de minha agonia.

SOBRE OS AUTORES

AILTON SIQUEIRA DE SOUSA FONSECA

Doutor pela PUC-SP, professor no Departamento de Ciências Sociais e Política da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), professor no Mestrado em Ciências Sociais e Humanas da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais (PPGCSH), coordenador do *Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo* (GECOM-UERN), pesquisador, atravessado pela Psicanálise e catador de pensamentos poéticos.

DANY AL-BEHY KANAAN

Psicanalista, mestre e doutor em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Coordenador e professor do curso de Formação em Psicanálise (Instituto Antonio Diogo). Professor dos cursos de Pós-graduação *Lato Sensu* na área de Educação e Neuroaprendizagem da UniFaj e UniMax. Autor dos livros *À escuta de Clarice Lispector*. Entre o biográfico e o literário: uma ficção possível (Educ e Limiar), *Escuta e subjetivação*. A escritura de pertencimento de Clarice Lispector (Casa do Psicólogo e Educ), *Clarice Lispector* (coleção Histórias de Gente Grande para Gente Pequena; Limiar) e *Monalisa* (Cambalache).



versos,
Anversos
& Antiversos

ISSN: 2675-4975



Acesse em:

geplat.com/versos

Escaneie o QR Code

ACESSO LIVRE



Portal
GEPLAT Edições



Projeto Gráfico
& Capa por: *Guia* *Wilton* *Silva*
Graphic Designer

	 (84) 99864-7305
	 @guiawilton.silva
	 guiawilton.silva@gmail.com

 Escaneie o QR Code